

8. Com o isolamento social ficou difícil para nós

Arilson dos Santos Narciso

Eu me chamo Arilson dos Santos Narciso, tenho 23 anos, sou do povo Galibi-Marworno e moro na Aldeia Kumarumã. Tenho acompanhado pela TV e em outros meios de comunicação como o vírus da COVID-19 vem agindo e matando rapidamente milhares de pessoas no Brasil e no mundo, por isso decidi me isolar com a minha família aqui na minha comunidade, evitando contrairmos o vírus.

Aqui na minha comunidade foram tomadas várias decisões em conjunto com os profissionais de saúde indígena para que o vírus não chegasse até nós. Uma delas foi a decisão de proibir a saída e a entrada de parentes vindos das cidades de Oiapoque, *Saint-Georges-de-l'Oyapock* e Macapá, por tempo indeterminado. Também foi interrompido diversos tipos de eventos internos que causam aglomeração de pessoas, como cultos de igrejas, reuniões da comunidade e futebol, teve também a proibição de ingerir bebidas alcólicas. Caso alguém desobedeça será imediatamente punido, conforme foi determinado pela comunidade.

O isolamento social contribui muito para nos distanciar da COVID-19, protegendo, sobretudo, as nossas crianças e nossos idosos. Mas essa situação fica difícil para muitas pessoas, porque a maioria vive da produção de farinha de mandioca, então elas precisam chegar até a cidade para vender seus produtos e comprar seus mantimentos. Na mesma situação têm funcionários que precisam tirar seu dinheiro e comprar seus alimentos, ou seja, com o isolamento social por causa da COVID-19 também ficou difícil para nós.

No meu caso, como sou integrante do PET (Programa de Educação Tutorial), tem horas que preciso entrar em contato com a minha professora-tutora pela internet e não consigo, porque aqui a internet não é 24 horas, como na cidade. Quando vou acessar tenho que ficar sempre atento, usar máscara e manter distância das pessoas. Com o passar dos dias os casos de coronavírus foram aumentando no Amapá, mas muita gente da aldeia precisava ir ao Oiapoque comprar mercadorias e outras coisas, então a comunidade decidiu reabrir para ir à cidade. Nesse momento de reabertura muitas pessoas foram para o Oiapoque comprar seus mantimentos, vender produtos e fazer serviços bancários. Foi determinado entre as

comunidades indígenas que era possível permanecer apenas um dia na cidade, se passasse desse período não seria possível mais entrar e haveria punição.

Tudo ocorreu em cima da regra, conforme foi determinado. Muita gente, inclusive eu, ficou preocupada com essa saída, pois alguém poderia contrair o vírus e levar até a nossa aldeia. Desde essa saída da aldeia para a cidade muita gente vem apresentando sintomas desse vírus no Kumarumã, e estamos com quatro casos confirmados na nossa aldeia. Esses casos foram identificados pela equipe de saúde que veio de Macapá e fez testes rápidos aqui no Kumarumã. Eles disseram que as pessoas que estão com COVID-19 mostraram sintomas leves, felizmente.

Acredito que não é por acaso que nossos parentes apresentaram sintomas leves, pois aqui na comunidade temos conhecimentos dos nossos antigos sobre os remédios caseiros tradicionais que são usados para combater doenças. Através dos nossos *Karuanãs* (seres sobrenaturais) passamos a conhecer as ervas boas para curar doenças. Isso é o que nós indígenas chamamos de medicina tradicional. Gostaria de dizer aos meus parentes indígenas que fiquem em suas aldeias, porque logo isso vai passar!

Aldeia Kumarumã, Oiapoque, Amapá, Brasil

27 de maio de 2020.